

**NOTÍCIA DE ROMANCES, FOLHETOS E FOLHAS VOLANTES
NA TERRA DE MIRANDA**

António BÁRBOLO ALVES

abarbolo@gmail.com

**Centro de Estudos António Maria Mourinho
Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e
Alto Douro**

Résumé

Au Portugal la « littérature de colportage » est appelée « literatura de cordel », « folhas volantes » ou « folhetos ». Dans la région Terra de Miranda, à l'extrême nord-est du Portugal, ces livres populaires ont circulé jusqu'à la moitié du XX siècle mais, malheureusement, ils ont presque totalement disparu. Dans cet article, guidés par la mémoire et le savoir d'une conteuse, on essaiera de retrouver quelques traces de ces « folhetos » : leurs caractéristiques techniques et poétiques, les sujets les plus importants et la langue (étant donné que dans cette région on parle aussi le mirandais).

Mots-clés: littérature populaire, littérature de colportage, traditions populaires, orature¹, mirandais

Preâmbulo

Sabeis quei passa, a las bezes çquécen-se-me. Mas apuis queda a memória abierta, bénen-me todas a la cabeça. Para s'abrir custa, mas apuis que s'abre ye cumo um libro que nun se cerra.

Tie Clementina Rosa Afonso (10.11.2007)

A Terra de Miranda é bem conhecida pela riqueza das suas tradições folclóricas (como a chamada dança dos *Pauliteiros de Miranda*), pela diversidade do seu romanceiro oral e tradicional, pelas suas tradições musicais², mas não pela presença ou existência de uma literatura escrita. Na verdade, mesmo a existência de uma literatura oral começou também por ser posta em causa por quem primeiro descobriu e descreveu, cientificamente, a língua mirandesa, José Leite de

¹ “mélange de oralité et écriture”, néologisme créé par Claude Hagège

² Vejam-se, a este propósito, algumas obras como o trabalho de Anne Cauffrez, *Les chants du pain*, Paris, Centre Culturel Portugais, 1997. Sobre a música bastará consultar a recente discografia editada pela Editora Sons da Terra com mais de uma dezena de discos já editados, sem esquecer todos os trabalhos editados quer em suporte sonoro quer em papel.

Vasconcelos¹. Contudo, foi também este filólogo a dar-se conta, anos mais tarde, da riqueza dessa literatura, publicando mais alguns textos do que aqueles que já publicara (*Opúsculos*, 1929). Mas foi, sem dúvida, o terrível mal que aflige os homens e as mulheres da ciência, a falta de tempo, que não lhe permitiu descobrir um pouco mais esse enorme manancial da literatura oral na Terra de Miranda.

Foi necessário esperar uns anos mais pelos trabalhos de António Maria Mourinho que, pretendendo, sem dúvida, seguir as pegadas do sábio filólogo mas também do seu verdadeiro Mestre (como ele lhe chamava), o Abade de Baçal, para que algumas dessas manifestações vissem a luz do dia. Mourinho recolheu cerca de três dezenas de peças do chamado Teatro Popular Mirandês, que circulavam em folhetos ou *cascos* – designados por *quelóquios* ou *colóquios* – e tinha a intenção de publicar². Embora nunca o tenha conseguido fazer, encarregou-se de levar uma delas ao palco, escrevendo também vários artigos sobre este assunto³. Também os contos de tradição oral mereceram a sua atenção, publicando alguns e deixando um inventário com os títulos de muitos mais. Este trabalho, embora incompleto, representa a primeira tentativa de abordar, analiticamente, estas narrativas⁴. Mas aquilo que mais ocupou António Mourinho foi o Cancioneiro Mirandês. Em dois volumes publicou dezenas de cantigas, romances e outros textos, escrevendo igualmente artigos, fazendo comunicações, participando na edição de discos, organizando e dirigindo o *Grupo de Pauliteiros de Miranda, de Dues Igrejas* que levaram as danças e a música da Terra de Miranda aos quatro cantos do mundo⁶.

¹ *Estudos de philologia mirandesa*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1900, Vol. I, p. 159-162.

² Estes textos encontram-se agora publicados, em diferentes suportes (CD, papel e também na Web), podendo ser consultados em <http://tpmirandes.no.sapo.pt>

³ O texto levado à cena foi o *Auto da muito dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*, de Francisco Vaz de Guimarães, representado em Duas Igrejas, no dia 6 de Junho de 1948. Segundo os relatos da época terão assistido cerca de 25.000 pessoas.

⁴ Mourinho, A. M., “Apontamentos sobre o Conto popular mirandês”, in *Actas do Colóquio Internacional de Etnografia*, Vol. VI, Câmara Municipal de Santo Tirso, Santo Tirso, 1963, p. 297-309.

⁵ Todas estas narrativas foram, de novo, publicados na obra do mesmo autor *Terra de Miranda - Coisas e factos da nossa vida e da nossa alma popular*, Miranda do Douro, Câmara Municipal, 1995, pp. 291-301, onde foi também inserido o conto *Lhobo arrependido*.

⁶ *Cancioneiro tradicional e danças populares mirandesas*, Vol. I, Bragança, 1984 e *Cancioneiro tradicional mirandês de Serrano Baptista*, Vol. II, Bragança, 1987.

Curiosamente, em todo o seu espólio, hoje guardado no Centro de Estudos com o seu nome e em vias de classificação, não se encontrou nenhum “folheto” nem nenhuma “folha volante”. Os únicos registos da chamada “literatura de cordel” são as peças de teatro que já referimos. Ora, António Maria Mourinho viveu num tempo em que estes textos faziam parte do quotidiano do povo mirandês. De certo que se cruzou com eles, mas desconhecemos que lhes tenha prestado qualquer importância. Por isso, se um dos maiores investigadores da língua e da cultura da Terra de Miranda, interessado nas suas vertentes mais populares, não lhes prestou grande consideração, que dizer do povo anónimo que os consumiu, é certo, mas apenas com o secreto e profundo prazer das coisas íntimas, pessoais, quase clandestinas¹. Talvez seja mesmo esta a palavra mais apropriada para designar estes folhetos, um produto clandestino, lido às escondidas, no silêncio dos longos serões de Inverno e logo depois destruídos, se não de imediato da lareira, reutilizados em embrulhos, em encadernações ou mesmo para acender o dito fogo depois de bem saboreados e arrumados secretamente na memória.

A esta característica de transitoriedade, assente no pouco valor estético e literário que lhe é atribuído, acrescenta-se a fragilidade interna das edições, com papel de pouca qualidade, com frequentes erros ou gralhas tipográficas. Mas também aqui, está presente a permeabilidade entre a oralidade e a escrita. Com efeito, dir-se-ia que muitos destes “folhetos” estavam apenas preparados para serem lidos algumas vezes, para depois se conservarem exclusivamente na oralidade, na memória daqueles que tiveram o prazer de os ler ou de os escutar na efemeridade da sua existência.

Nas obras de estudo sobre a “literatura popular”, a “literatura de cordel” ou outras denominações, não há grande diferença entre os romances, os textos dramáticos ou outros. Aquilo que assemelha todos estes textos é a sua “forma editorial” e não os temas, os autores ou o género literário. Estamos, por isso, diante do mesmo fenómeno que mereceu os nomes de *chapbooks*, em inglês, de *littérature de colportage*, em francês, ou *pliegos sueltos*, em castelhano. Ora, na Terra de Miranda, aquilo que se conservou e ganhou mais raízes foram sobretudo os textos

¹ Em Portugal estas produções literárias também nunca mereceram grande interesse nem grandes estudos. Se tal se deve, em grande parte, à sua inegável fragilidade literária, ao mesmo tempo esquecem-se outros campos como o interesse histórico, sociológico e tantos outros.

dramáticos. Dos chamados “folhetos”, que tenhamos conhecimento, praticamente só resta a memória, pois nenhum arquivista ou curioso os guardou. Às razões já aduzidas deve acrescentar-se o facto de que o valor literário, ou outro, que lhe é atribuído, é tão pouco ou tão baixo que aos olhos de muitos não mereceram a pena ser guardados. A chegada da luz eléctrica, da rádio e da televisão, deram o golpe de misericórdia nesta peculiar manifestação cultural e artística, deixando na memória apenas alguns traços dessas antigas histórias, notícias e romances, contados e lidos pelos cegos viajantes ou à luz da candeia ou do crepitar da lareira.

Por isso, aquilo que nos propomos fazer neste pequeno artigo é deixar algumas anotações sobre alguns desses romances e folhetos, ajudados e guiados pela memória e pela sabedoria de Tie Clementina Rosa Afonso, com 85 anos, nascida e criada no lugar de *Freixenosa*. Pretendemos também registar, por escrito, alguns desses textos, dar a conhecer alguns e noticiar a existência de outros, chamando à atenção para o seu valor histórico mas também linguístico, cultural e literário, de forma a abrir as portas para que outras investigações possam continuar este trabalho de redescoberta, resgate e edição de alguns destes folhetos.

Em busca das origens

Os folhetos de cordel e as folhas volantes, nasceram, naturalmente, com a imprensa, no século XVI. Pequenos, com poucas páginas ou mesmo só uma página, um título chamativo, capaz de captar a atenção do ouvinte ou leitor, baixo custo tipográfico, com uma linguagem simples, com assuntos capazes de deliciar o grande público e personagens facilmente igualadas com os heróis ou com os vilões, o culto do gosto melodramático ou então o riso ou a crítica, foram eles a trazer a literatura escrita até ao povo que, como sempre, a fez sua, mudando-a e adaptando-a a seu gosto.

Até meados do século XX, o hábito de ler era uma coisa rara¹, sobretudo no interior do país. Por isso, há algumas questões prévias que

¹ Vale a pena recordar que, embora a escolaridade obrigatória esteja consagrada legalmente desde 1835, a incapacidade de escolarizar é uma realidade que atravessa a monarquia, a república, a ditadura e a democracia. Em 1878, ainda sob o regime monárquico e meio século decorrido após a revolução liberal, o analfabetismo em Portugal atingia os 82,4%. Em 1900, a percentagem de analfabetos portugueses era de 78,6% e em 1920, apesar de, com a I República, os temas da educação terem ganho importância, em 1920, por exemplo, a taxa de analfabetismo tinha sido reduzida apenas em 6,2%. Com o Estado Novo, os contornos não são muito diferentes e, a este propósito, vale a pena recordar também um discurso proferido na então Assembleia

se colocam nesta breve investigação: Que livros chegavam aqui? Quem os lia? Onde eram impressos e quem eram os autores? Quais os principais assuntos tratados? Poderemos encontrar neles linhas temáticas comuns? Procuraremos responder, ao longo destas linhas, a algumas destas questões. Outras ficarão, naturalmente, sem resposta, embora na expectativa de que investigações futuras possam vir a clarificá-las.

As “folhas”, “folhas volantes”, que depois se chamaram “folhetos”, produziram-se e venderam-se até meados do século XX, cumprindo funções didáticas e distractivas junto de um público quase analfabeto e para quem a leitura ou a escuta destes folhetos – feita por algum membro da comunidade ou pelo “cego” que vinha de povo em povo – não deixaria de ter um poder quase mágico, o mesmo que é atribuído à escrita pelas comunidades de oralidade (quase) pura. Naturalmente que as suas fontes também se alimentam da grande torrente da literatura oral, tal como ela se desenvolveu na Península Ibérica onde ganhou forma o velho Romanceiro Peninsular. Desta fonte primeva saíram os *pliegos sueltos* que circularam por toda a Península desde finais do século XVI. Se em tempos idos eram os jograis, populares ou palacianos, que traziam a poesia e as novidades, agora essas folhas e folhetos, alguns na voz de cegos andantes outros vendidos de feira em feira, levavam as notícias e a poesia até junto do povo.

Daquilo que pudemos ouvir – e de que falamos neste breve artigo – os assuntos que ocupavam a maioria destas “folhas” e “folhetos” eram os escândalos, os crimes, as mortes, os fenómenos extraordinários que, de alguma forma, podiam servir de exemplo didático. Mas havia também folhetos com temas jocosos e heróicos com os quais os leitores mais facilmente se identificavam. Na Terra de Miranda, segundo a nossa informante, eles eram vendidos nas feiras mais importantes da região – *Sendin*, *Palaçuolo* e *Dues Igreijas* – mas não há que esquecer que algumas destas histórias eram levadas pelos próprios cegos, de aldeia em aldeia, e mesmo de porta em porta¹. Um dos registos mais emblemáticos dessa tradição foi o que permitiu a um grupo de cegos de Vimioso trazerem para a Terra de Miranda a conhecida *Chanson de*

Nacional, por Oliveira Salazar afirmando, em 1938, que “o analfabetismo em Portugal vinha de longe e isso não impediu que a nossa literatura fosse em determinadas épocas extremamente rica”.

¹ Numa data que não posso precisar, mas que conservo como uma das mais antigas memórias da minha infância, ainda me recordo de dois cegos a cantarem à minha porta. Um, com uma guitarra, outro com uma caixa de esmolos, lá iam reunindo os vizinhos para ouvir cantar essas histórias, cantigas e romances.

*Malbourough*¹, dela (re)nascendo, por influência activa do esquecimento, uma nova canção, do Mirandum, e um herói com esse nome, envolto e construído na lenda e na traição memorial.

Ouçamos o testemunho da nossa informante quanto aos assuntos tratados, quanto às obras vendidas e também quanto aos locais onde eram comercializadas:

“Habie uas stórias, uns folhetos, miu pai iba a las feiras i cumprába-los (...), miu pai trazie siempre, iba siempre a la feira de Dues Igreijas ou Palaçuolo ou a la de Sendin, éran las feiras qu’habie. Iba siempre, siempre benie cun folhetos para casa: “Rosa, lei”. Fazie-me ler, fizo-me ler l libro d’*Amor da Perdição*, fizo-me ler l’*Aire stínico* (???), fizo-me ler *A Rosa do Adro*, you sei alhá quantos libros el nun trazie. A la noite sentába-se alhi no serano, “Rosa, a ler”.

O testemunho é precioso não só quanto aos locais onde eram vendidos esses folhetos mas também quanto aos títulos de algumas obras. Mesmo se a cartografia dos locais de venda fica incompleta com este testemunho, parece certo que as feiras tradicionais – que hoje associamos quase exclusivamente a locais onde se compra e vende gado, vestuário, calçado e outros bens materiais – foram, no passado, locais onde se vendeu cultura. Ou seja, aquilo que hoje chamaríamos um verdadeiro mercado cultural, se também quiséssemos acrescentar a velha constatação de Du Marsais que considerava os mercados como um dos lugares mais propícios para o cultivo da língua². De parceria com outros produtos, trazidos directamente ao consumidor e aos locais mais recônditos do país, estes impressos atingiam assim um público não letrado para quem a leitura constituía um prazer.

Rosa do Adro, de Manuel Maria Rodrigues e *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco foram dois dos romances que mais agradaram ao povo. O outro título, não o pudemos identificar com rigor, mas, segundo a nossa informante, “nun era em berso mas an testo” (não era em verso mas em texto, ou seja, em prosa) e “falaba dos Çcubrimientos” (falava dos Descobrimientos). Ora, a presença, nestes “folhetos”, de autores como Camilo Castelo Branco, um dos escritores consagrados da língua portuguesa, mostra que estas produções literárias não se podem definir pela pretensa falta de qualidade literária (Márcia Abreu, 2006:

¹ Ferreira Deusdado, *Escorços Transmontanos*, Livrarias Aillaud e Bertrand, Lisboa, 1912, p. 149.

² «Je suis persuadé qu’il se fait plus de figures en un seul jour de marché à la halle, qu’il ne s’en fait en plusieurs jours d’assemblées académiques». Du Marsais, *Traité des Tropes*, 1730.

20)¹. De igual modo seria extremamente redutor pensarmos que estes textos se destinavam apenas ao povo quase analfabeto. Com efeito, como refere Carlos Nogueira, é mais legítimo pensar que estes textos se destinavam a uma “dimensão compósita de público”, que corresponde, na textualidade, a um “mosaico ideotemático e estilístico”.

Vejamos agora alguns aspectos mais específicos destas produções na Terra de Miranda.

Folhas e folhetos na Terra de Miranda

Conhecemos agora alguns dos locais onde eram vendidos. Temos igualmente algumas indicações sobre quem os vendia e quem os comprava. Contudo, subsistem muitas outras interrogações como por exemplo o campo autoral e também a língua utilizada. Sobre este aspecto, como veremos pelas amostras aqui trazidas, a língua destas folhas e folhetos é a língua portuguesa. Tal facto não é de admirar, porquanto a língua mirandesa foi, até há bem pouco tempo, uma língua quase exclusivamente oral. Por outro lado, os poucos “escreventes” neste idioma, quase todos na esteira aberta por José Leite de Vasconcelos, pertenciam a uma certa elite social e, portanto, não eram os autores nem os consumidores principais desta forma de expressão literária². A este facto há que acrescentar a inexistência de uma imprensa local, que dificultava ou impossibilitava a publicação destes folhetos aos eventuais autores da região.

Ainda assim, não podemos dizer que a língua mirandesa esteja ausente. Com efeito, a transmutabilidade destas obras da escrita para a oralidade, e vice-versa, faz com que elas nos apareçam impregnadas da língua local quer a nível fonético, quer lexical e sintáctico.

Passamos agora à apresentação de alguns romances e cantigas que circulavam em folhetos, tal como nos foram transmitidos por Tie Clementina Rosa Afonso.

¹ No Brasil, Márcia Abreu dá-nos conta da presença em folhetos de cordel, de autores como Goethe, Camões e Zola.

² Estamos a pensar nos tradutores como o Abade Manuel Sardinha e também Bernardo Fernandes Monteiro que procuraram, no final do século XIX, registar, por escrito, a língua mirandesa. Da mesma forma Albino Moraes Ferreira, que era inspector da educação nacional, procurou, na mesma época, não só registar por escrito a língua mirandesa como elaborar um manual para o ensino e aprendizagem do idioma. Ver Albino J. de Moraes Ferreira, *Dialecto Mirandês*. Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva, 1898.

O primeiro romance de que a nossa informante se lembra é o de Isaura Gonçalves, do Zoio. Esta terra pertence ao concelho de Bragança, ficando a cerca de 20 km desta cidade. Tem hoje pouco mais de 50 habitantes que vivem sobretudo da agricultura e da criação de gado.

O romance – diz-nos Tie Rosa – conta-nos a história de uma mulher que, tendo tido um filho ilegítimo, o matou, atirando-o depois aos porcos. A nossa informante já só se recorda da história e de alguns versos, incompletos, que transcrevemos de seguida.

*Isaura Gonçalves do Zoio
Foi mulher de alta traição
Quando ela sentiu as dores
Disse-lhe a Heitor, seu irmão
Vai-me chamar a Odete
Que me deu uma aflição.*

*Quando Odete chegou
E a viu toda ensanguentada
Ó malvada o que fizeste
Que já vais presa amanhã.*

Pela amostra, ainda que breve, ficamos a saber que o tema deste folheto é um crime hediondo, cujos relatos tanto parecem agradar ao povo. Felizmente tivemos a sorte de encontrar, mais tarde, este “folheto”, o mesmo pelo qual Tie Rosa leu e aprendeu, que se encontrava na mãos de seu genro, o Dr. Abílio Topa, a quem agradecemos a cópia que nos enviou e que passamos a transcrever:

EM ZOIO (BRAGAÇA)
Mãe sem temor a Deus
Versos de URBANO N. FERNANDES

*Deve ficar na lembrança
Esta véspera de NATAL
Isaura Gonçalves do Zoio
Mãe como não há igual!...*

*Meus senhores lhes vou contar
Este crime causa horror
Destas mães crueis malvadas
Já nem a Deus tem temor...*

*No concelho de Bragança
Zoio, linda povoação,
Malvada Isaura Gonçalves*

Foi mulher sem coração!

*Não pensava esta infeliz
Naquilo que ia fazer
Assassinou o seu filho
Logo ao acabar de nascer*

*Quando ela sentiu as dores
Disse a Heitor, seu irmão
Vai-me chamar a Odete
Que me deu uma aflição.*

*Nisto o Heitor sem saber
A Odete foi chamar
Vaia a casa mas depressa
Tua irmã te quer falar...*

Logo que o irmão saiu

*Veio à luz esse inocente
Mas logo foi degolado
Por essa mãe, a serpente*

*E depois de o matar
A uma porca o deitou
Mas por milagre divino
A porca nem lhe tocou*

*Ao ver que não o comia
Num farrapo o embrulhou
Para ver se não se sabia
Para um taipal o lançou...*

*Quando entrou a Odete
Logo ficou assustada
Pois esta olhou para a irmã
Viu-a toda ensanguentada.*

*Malvada tu que fizeste
Diz a Odete à irmã
Aonde está o que trouxeste
Senão vais presa amanhã*

*Odete não tive nada
Ou desconfias de mim
Tu não dizes aonde está
Numa prisão vais dar fim...*

*Sei que o deitaste á porca
Vejo-te ensanguentada
Vou chamar o regedor
Para eu não ser culpada*

*Procuraram logo tudo
Sem o poder encontrar
E por mais que lhe procurem
Só se valia em negar*

*Só no fim de tantas voltas
Encontraram-na embrulhada
Num farrapo muito sujo
E a faca ensanguentada
Há malvada o que fizeste
Não vias o teu filhinho
Cortaste assim a cabeça
A esse pobre inocentinho.*

*E voz hó povo que ouvides
Reparai que isto é certo
Não se deu isto para longe
O Zoio é aqui bem perto*

*E voz ó mocitas novas
Não vos deixeis enganar
Reparai nesta e noutras
Na prisão teem que acabar.*

Antes de uma breve análise estilística do texto, cuja imagem fac-similada reproduzimos, há mais um conjunto de questões que se nos colocam e que ficam em aberto: Como chegou este folheto à Terra de Miranda (que dista mais de 100 km de Bragança)? Quem o trouxe? Onde foi impresso? Por que razão o povo se interessou tanto por ele¹? Terão estes folhetos sido tão bem acolhidos em outras regiões como aqui?

¹ Cabe aqui uma pequena nota para lembrar que há bem poucos anos, em 2004, um caso que tanto apaixonou a opinião pública em Portugal (antes dizia-se “o povo”) e que motivou também um livro – *A estrela de Joana*, Paulo Pereira Cristóvão – teve contornos muito semelhantes ao caso relatado no folheto. Pelo que se noticiou nos órgãos de comunicação social, envolveu a morte de uma criança também lançada aos porcos depois de morta pela mãe. Afinal alguns gostos e paixões populares não mudaram assim tanto em cem anos!



Mesmo sem resposta para estas e outras questões, parece-nos muito claro que a Terra de Miranda foi um espaço muito propício para receber estes folhetos. Por um lado, o secular isolamento em relação ao restante território português propiciou que estas “notícias” fossem bem recebidas, como uma forma de saber o que se passava além daquele mundo. Por outro, a ligação com Espanha, de onde provém grande parte do cancionero e de outras tradições culturais, ajudou a configurar a Terra de Miranda como um espaço onde desaguaram e floresceram muitos desses romances.

Um breve cotejo entre os versos narrados pela nossa informante e a versão impressa mostra-nos como, na passagem do registo escrito para a oralidade, se operam, necessariamente, mudanças, transformações e acrescentos, que têm a sua origem no poder mágico da memória mas sobretudo pela força do esquecimento.

Em termos poéticos, o texto deste folheto serve-se da quadra, quase sempre heptassilábica, que é, sem dúvida, uma das formas poéticas mais apreciadas pelo povo. A rima é quase sempre e apenas entre o segundo e o quarto verso.

Curiosamente, na breve amostra da oralidade, a quadra transforma-se também em sextilha que é, por seu lado, a forma preferida

das cantigas. Seria essa uma das transformações operadas na transposição entre o texto escrito e a oralidade ou trata-se apenas de um acaso?

Contudo, o estilo do folheto pretende ser eminentemente oral. Depois de, na primeira quadra, se afirmar que o assunto narrado deve ser digno de lembrança, na segunda, o narrador assume-se como um contador – “meus senhores lhes vou contar” – que vai relatar, de viva voz, esse acontecimento horroroso. E assim se inicia a narração, num estilo coloquial, intenso e arrebatado, que não hesita nem servir-se de adjetivos ou construções metafóricas – “essa mãe, a serpente” – para qualificar o crime e a sua autora.

No final, as duas últimas quadras, uma vez terminada a “narração”, estão reservadas para reafirmar a veracidade dos factos narrados e também para sublinhar a função didáctica e educativa do folheto. Apela-se às “mocitas novas” para que não se deixem “enganar” pois essa conduta só pode levar à prisão. E, uma vez mais, a presença do verbo “ouvir” – na forma popular “ouvides” – nos recorda que estamos em presença de um texto oral, requerendo a presença de uma voz e de um auditório.

Para concluir, merece um breve comentário o facto de a narrativa vir assinada por um autor, ainda que, como acabamos de ver, ela devesse ser plúriautoral, pertencendo a todos os que a liam, ouviam ou contavam. Por outro lado, não pode passar despercebida a referência à Comissão de Censura. Se, por um lado, ela situa cronologicamente este folheto no século XX português, ou seja, no tempo da Ditadura, por outro, mostra-nos que estes folhetos poderão ter servido os propósitos “educativos” da ditadura na sua “missão” de educar o “povo ignaro”. Seja como for, é certo que o longo braço da censura prolongou até aqui as suas garras, tolhendo e limitando a liberdade criativa.

Outros romances

O segundo romance de que a nossa informante nos deu conta narra a história de mais um crime, desta vez um matricídio ocorrido “num prédio dum campo”. Segundo outros testemunhos orais que tivemos ocasião de recolher, os homicídios seriam os temas preferenciais destes romances. Numa leitura imediata, mas necessariamente simplista, podemos até dizer que tal facto se prende com um gosto popular, sempre discutível e impossível de definir. Porém, parece-nos também legítimo pensar que este gosto e esta tradição de divulgar estes crimes representa, numa leitura sociológica e psicanalítica, o repúdio profundo por esta prática, contra a espécie e contra a vida.

É provável que o texto, cantado de memória, não esteja completo. Contudo, por este trecho, podemos já aperceber-nos de algumas características poéticas e narrativas do texto. A quadra continua a ser a forma poética que o sustenta, servindo-se também das mesmas características rítmicas, nomeadamente a acentuação e a rima, que o romance anterior. Em termos discursivos, assinala-se o facto de a voz narrativa das últimas quadras pertencer ao próprio autor do crime que, ao assumir o arrependimento e ao mostrar o castigo recebido, exemplifica, melhor do que ninguém, perante o auditório, a sua condição e a sua desgraça. Estabelece-se assim espécie de diálogo entre as diferentes vozes narrativas, que conferem vivacidade à história narrada e também, com a narrativa em primeira pessoa, um maior grau de veracidade e de dramatismo.

Vejamos então os versos deste folheto tal como que nos foram cantados:

*Ainda há mui pouco tempo
Que a imprensa anunciou
Dia primeiro de Fevereiro
Um filho a sua mãe matou.*

*E foi num prédio dum campo
Onde o malvado se atreviu
A matar a pobre mãe
Que tantos beijinhos lhe deu.*

*Deu-lhe tão grande pancada
Que logo a caiu no chão
Só apenas deu um ai
Com bastante aflição.*

*E vós filhos de família
Reparai, tomai sentido
Que é bem triste uma mãe
Ir morrer nas mãos de um filho.*

*Ele devia ser queimado
No meio daquele povo
Todos os filhos obrigados
A ver-lhe deitar o fogo.*

*Aqui dentro desta prisão
Minha vida é chorar
Eu já não tenho amigos
Que me venham visitar.*

*Por eu matar minha mãe
Grande castigo me dão
Eu não vejo sol nem lua
Minha cama é no chão.*

O romance seguinte de que damos conta, que a nossa informante também aprendeu a partir de um folheto, parte igualmente de um facto histórico, dramático e horrendo, ocorrido na localidade de Sendim, na Terra de Miranda. Os versos de que se lembra já são poucos. Todavia, recorda-se perfeitamente a história, tal como se pode conferir pelas suas palavras que transcrevemos:

*La de Sendin chamába-se Ana Maria, era panadeira. Matou l
filho i comiu la cabeça i ua mano.
Eilha era panadeira i que la giente le dezie:
- Ana Maria, tu stás grábida?!
- Mas qu'hei-de star. Inda bos heis-de arrepender de me
stardes a dezir a mi isso.
Quando un die naciu a criança i eilha negaba, negaba. (...)
Agarrórun-la, prendírun a criança a eilha i dórun bulta a
Sendin cun eilha. Punírun-la maluca.*

Não creio que a língua mirandesa, utilizada pela nossa informante, constitua uma barreira à compreensão das suas palavras, razão pela qual não as traduzimos. Para além do horripilante crime, interessa-nos saber quem terá sido o autor desse folheto. Segundo a nossa informante o autor dos versos foi o Padrinho da referida Ana Maria a *quem chamavam Pé de Chumbo*, tal como se pode conferir por alguns versos de que a nossa informante se recorda:

*Eu sou o teu padrinho
Tu és Ana Maria
Não te dói o coração
De devorares a tua filha.*

*Quando eu peguei na cruz
Para te fazer cristã
Tu fizeste-me como Adão
Quando comeu a maçã.”*

*“Toma lá este cinco escudos
(...)
Para os gatares no caminho
Que é tão longa a jornada.*

Para além do facto histórico, cuja veracidade pudemos confirmar junto de outras pessoas dessa localidade, seria necessário averiguar onde foi impresso esse folheto e se a língua mirandesa estaria ou não presente. Sendo o autor local, pensamos que seria bem provável a interferência dos dois idiomas, português e mirandês. Contudo, como já dissemos, trata-se certamente de um autor “letrado”, com algum grau de instrução, que procuraria escrever em português, língua na qual terá sido alfabetizado, e não em mirandês, língua (apenas) oral. Sem resposta fica a questão do local de impressão pois, uma vez que desconhecemos a existência de qualquer tipografia nesta região, seria necessário que as histórias fossem levadas para outras localidades onde seriam impressos os folhetos. A este propósito, e muito embora este seja o único romance, baseado em histórias locais, de que a nossa informante se lembra, sabemos de outras fontes que existiram muitos mais a circular em folhetos e também eles a narrar outros crimes ocorridos noutras localidades limítrofes.

Naturalmente que a memória dos romances de folhetos não fica por aqui. Uma vez “aberta a memória”, tal como diz a nossa informante na transcrição que deixámos em epígrafe, começam naturalmente a aflorar todas as outras histórias que se julgavam esquecidas. Aqui deixamos mais algumas quadras de três romances, cantados pela nossa informante, ambos aprendidos a partir de folhetos. O tema do primeiro, de que só ouvimos duas quadras, traz a narrativa de mais um homicídio motivado por uma razão anódina e materialista, um cordão de ouro. O segundo, do qual ouvimos sete quadras, evoca, no seu tema principal, o suicídio dos amantes, todo um conjunto de histórias e lendas, desde Tristão e Isolda até Romeu e Julieta, que perpassam pela cultura ocidental desde há muitos séculos.

As últimas duas quadras dizem respeito a outro romance onde se narra mais um homicídio, desta vez na forma de um filicídio encomendado pela madrasta. A nossa informante não se recorda de toda a cantiga, mas recorda-se bem da história que nos conta também mirandês:

*I apuis matou-la... I ua beç fugiu inda de l pai i fui
qu'acudisse la madrina, que sou pai que la querie matar. I la madrina
dixo-le que nó, que las graças de sou pai solo dában para rir i brincar,
mas fui por causa de la madrasta que la matou.*

(cantigas)
Ó Esp'rança, Ó Esp'rança,
Mulher de mau coração
Mata a tua inocente mãe
Só por vender um cordão.

*O cordão que ela vendeu
Aquele mãe coitadinha
Foi para dar dinheiro ao filho
Porque Esp'rança já o tinha.*

*Ó Otilia, ó Otilia
Tu és boa rapariga
Se me dás algum desgosto
Mato-te e tiro-te a vida.*

*As palavras de meu pai
São poucas mas são temidas
Vou-me deitar a afogar
Ao poço das cobras vivas.*

*Assim que chegou ao poço
Começou-se a pentear
Chegou-lhe a maldita hora
De se deitar a afogar.*

*Tirou os brincos das orelhas
E o cordão do seu pescoço
Ata tudo num lençinho
Deixa-o à beira do poço.*

*O primeiro que o soube
Foi lá o senhor padrinho
Vai com Deus ó afilhado
Já logrei os teus carinhos.*

*Já logrei os teus carinhos
Coisinhas que eu cá sei
Vai com Deus ó afilhado
Que agora descansarei*

*Adeus caminho do monte
Caminho de par em par
Mataram-se os namorados
Por não os deixar casar.*

*Un tiu que matou la filha porque la madrasta le dixo que matara la
filha pa ls filhos hardáren.*

*Anda cá ó meu marido
Vamos os dois comunicar*

*Ai matas a tua filha
Ai para os nosso filhos hardar.*

*E tu vais para a arada
Levas o cutelo guardado
Ai tu a matas, tu a enterras
Ai no meio daquele monte brabo.*

Passamos agora à notícia de mais dois folhetos que também tiveram grande fortuna na Terra de Miranda, e que não têm como tema principal nenhuma forma de homicídio. A primeira é a “História de Bertoldinho” que, diz a nossa informante, “tamien era mui angraçada”. A segunda é a “Nau Catrineta”, uma velha xácara que, na opinião de Almeida Garrett, data do final do século XV ou início do século XVI, sendo uma das mais sabidas e queridas do povo português (Almeida Garrett, 1997).

A história de Bertoldinho

A história de Bertoldinho é contada nos folhetos *Astúcias de Bertoldo e Vida de Cacasseno*¹². Estes, por sua vez, levam-nos directamente à obra do italiano Giulio Cesare della Croce que escreveu, no século XVI, inspirado em remotas fontes orientais, *Le piacevoli et ridicolose simplicità di Bertoldino*. A mais antiga tradução portuguesa intitulada *Simplicidades de Bertoldinho, filho do sublime e astuto Bertoldo: e das agudas respostas de Marcolfa, sua mãe*, com 32 páginas, data de 1863³.

¹ Márcia Abreu, *Histórias de cordéis e folhetos*, Mercado das Letras, São Paulo, 2006, p. 63.

² *Astúcias de Bertoldo, villão de agudo engenho e sagacidade que, depois de vários accidentes e extravagâncias, foi admittido a cortesão e conselheiro de Estado*, Lisboa, Livraria Barateira, s/d. *Vida de Cacasseno, filho do simples Bertoldinho – neto do astuto Bertoldo*, Lisboa, Livraria Barateira, 1927.

³ Existe no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.) um documento, datado de 7 de Outubro de 1796, em que um mercador de livros, denominado Antonio Balle, solicita autorização para imprimir um determinado livro, o que foi deferido. O texto do documento é o seguinte: «Diz Antonio Balle, mercador de livros, que ele pretende emprimir o papel incluso intitulado *Rediculas Simplicidades de Bertoldinho* para o que pede a V. Majestade le conceda a licença precisa». Ao cimo da página encontra-se o despacho, do seguinte teor: «Aprovado o papel de que trata esta petição para poder ser impresso pelo que toca a este Tribunal. Lisboa, 7 de Outubro de 1796.» A.N.T.T., Conselho Geral do Sto. Ofício, Maço 45, doc. 2. *Apud* Teresa Payan Martins, *Verdadeiro Método de Estudar*, (www2.fcsh.unl.pt/chc/pdfs/VERNEY.pdf), consultado em 23.11.2008.

A história de Bertoldinho é mais uma das muitas que foram adoptadas e recriadas pelo povo. Na literatura mirandesa, como descobriu¹ Leite de Vasconcelos, ela está presente no “entremez” intitulado *Sturiano e Marcolfa*, de Francisco Garrido Brandão, que o filólogo publicou no II Volume dos seus *Estudos de Philologia Mirandesa* pois aqui nos aparece a personagem Bertoldim, que é justamente filho de Sturiano e de Marcolfa.

Vejamos então a história de Bertoldinho, segundo nos foi contada (em mirandês e português) pela nossa informante, Tie Clementina Rosa Afonso:

Era un qu'era mui bruto i depois (...) l pai, para ber se se fazie fino, mandou-le a ua feira cun un buion de miel. L rapaç chegou a la feira, claro, las moscas rodiór-un-se todas a eli comírun-le l miel todo. I el quei fizo? Agár-ra-se atrás de las moscas cun un cacete, anton atrás deilhas i nun se bingou deilhas. (...)

Fui aun letrado – a un doutor, naquel tiempo dezien un letrado – i anton fui a tomar un cunseilho. I el dixo-le que la purmeira que bisse pousada que le atirasse mas a matar.

Staba ua na cabeça de l letrado, tombou-lo lhougo.

Depuis el, sou pai yá quedou zanimado cun el, mas inda tentou dá-le un presunto i que l fusse a bender a ua feira. I dixo-le l pai:

– Olha, tu se bires que fálan muito nun le bendas a esse que ye capaç de te l ficar a deber.

Chegór-un alhá, fui un Labrador, dixo-le l Labrador:

– Queres-me bender esse presunto?, preguntou-le l Labrador.

– Quero, mas não a você que é muito falador, dixo-le el.

Outra informação tirada da Web, mas baseada no estudo de A. A. Gonçalves Rodrigues. *A Tradução em Portugal – tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa, excluindo o Brasil de 1495 a 1959*, Lisboa. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992, diz-nos também, sem indicar o tradutor, que a primeira tradução portuguesa é de 1797, com o título *Simplicidades de Bertoldinho, filho do subtil e astuto Bertoldo, e das agudas respostas de Marcolfa, sua mãe: obra de recreio e divertimento*. Ver <http://www.caminhosdoromance.el.unicamp.br/cronologias/traducao.htm> (consultado em 23.11.2008)

¹ Digo descobriu porque, primeiramente, Vasconcelos tinha escrito que não sabia onde o autor tinha ido buscar o nome *Marcolfa* (vd. *Estudos de Philologia Mirandesa*, Vol. II, p. 280). Contudo, alguns anos depois, na obra *Opúsculos*, vol. IV, diz: “Efectivamente essa palavra [Marcolfa] provém de um folheto da literatura de cordel. Ao escrever o que acima fica transcrito, não me ocorreu que ela aparece numas histórias mui saboreadas do povo e mui conhecidas: *Astúcias subtilissimas de Bertoldo*; *Simplicidades de Bertoldinho*; e *Vida de Cacasseno*. Marcolfa é esposa de Bertoldo, mãe de Bertoldinho e avô de Cacasseno (*Op. cit.*, p. 717).

Pronto, bieno cun l presunto, quei ye que fizo, passou an pie d'ua capielha – aposta qu'era la nuossa de Santo Eustaco – i falou pa l santo (...) i nun le falou. Diç-le el:
– *Olha, fui l melhor cumprador qu'ancuntrei que nun fala!*
Atirou-le cun l presunto para alhá, pa la capielha.
– *Olha que eu daqui a binte dias cá benho a receber. Tens a dar-me binte pintos, nada me tens a abater.*
Un que staba por fuora fui alhá i comiu l presunto. Depois inda fui alhá i çpedaçou l santo a porradas.

Não sabemos qual seria a edição (ou edições) que terá estado na origem desta história que, como em tantas outras, se operou a transformação da escrita para a oralidade. Neste caso, como podemos comprovar, uma das modificações operadas foi a passagem da língua portuguesa, que seria a língua do folheto, para o mirandês, que é a língua da oralidade.

Outra história que “era engraçada” e que também “circulava em folhetos” – acrescenta a nossa informante – era a de Vicente Marujo. Com efeito, este folheto, em forma teatral, intitulado *A confissão de Vicente Marujo*, teve igualmente grande fortuna na Terra de Miranda tendo sido representado em várias localidades nomeadamente na Póvoa (em 1958 e 1973), em Malhadas (em 1995)¹. Contudo, a nossa informante, embora não o tenha recitado porque “já se tinha esquecido”, conhecia bem a história do folheto, demonstrando uma vez mais a forma como estes textos eram acolhidos e conhecidos na Terra de Miranda.

O último texto referido pela nossa informante – também ele aprendido num folheto – é a *Nau Catrineta*. Sobre este romance, “um dos poucos romances marítimos que permaneceram na literatura tradicional portuguesa”, pouco iremos acrescentar até porque nos parece que a versão que nos foi cantada é bastante pobre em relação a muitas outras já editadas. Contudo, para o assunto que nos ocupa neste breve artigo, parece-nos que merece bem o registo e a menção por se tratar de mais um folheto acolhido e transmitido na Terra de Miranda. Aqui fica, pois, o registo desse texto:

*Lá vem a nau Catrineta
Que traz muito que contar
Ouvi agora senhores*

¹ Gonçalves, V. “Teatro popular mirandês. Seguindo de um inventário dos cascos representados nas Terras de Miranda”, in José Francisco Meirinhos (Coord.), *Estudos mirandeses. Balanço e orientações*, Granito Editores, Porto, 2000, p. 170-171.

Uma história de pasmar.

*Andaram anos e dias
E lá na volta do mar
Já não tinham que comer
Já não tinham que trajar.*

*Deitaram sorte à vida
Qual se havia de matar
Logo foi correr a sorte
No Capitão General.*

*Arriba, arriba maruxinho
Inté aquele mastro rial
Se avistas terras de Espanha
Ou areias de Portugal.*

*Não avisto Terras de Espanha
Nem areias de Portugal
Só avisto três meninas
Debaixo de um laranjal.*

*Todas três são minhas filhas
Quem me dera de as abraçar
A mais bonita delas
Contigo a hei-de casar.*

*Uma está a fazer meia
Outra a roca a fiar
A mais novinha delas
Está no meio a chorar.*

*Não quero a vossa filha
Que vos custou a criar
Só quero a Nau Catrineta
Para com ela navegar.*

*Darei-te o meu cavalo branco
Para com ele passear
Não quero vosso cavalo
Que vos custou a ganhar
Só quero a Nau Catrineta.*

Algumas conclusões e perspectivas

Os romances, folhetos e folhas volantes alimentaram o imaginário do povo mirandês durante vários séculos. Ao lado da literatura escrita, fixa, cresceu outra literatura, livre, alimentada pelas fontes perpétuas da

imaginação, viva e sonora, secreta e obstinada, como rio correndo na solidão das fragas, alimentando-se da essência da antiguidade. Essa literatura foi feita para o canto, para a declamação, para ser lida e ouvida em voz alta. Por isso, os textos impressos depressa foram absorvidos pelas águas da improvisação popular. Aqui jorra toda a torrente passional e vitalista de um povo pouco dado a longas reflexões. E aqui reside também parte da explicação para a sorte efémera destas produções.

Mas a cultura popular, porque é viva e utilitarista, tem a grande capacidade de absorver, conservar, reinventar e fazer renascer, sempre que tal se julgue necessário (ou útil), os textos que julgávamos desaparecidos. Por isso, nunca podemos dizer que este ou aquele romance se perdeu. Nalguma ocasião talvez ele renasça de uma voz anónima ainda capaz de dar vida a esses verbos eternos.

Do que resta desse manancial profundo, perdido na memória de alguns ou, eventualmente, abandonado em algum recanto, temos o dever de o resgatar, prestando-lhe o devido respeito que nos merecem as coisas antigas e preciosas, que contribuem para a riqueza e para a espessura identitária da Terra de Miranda.

Bibliografia

- Estudos de philologia mirandesa*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1900, Vol. I, *Opúsculos*, Vol. IV, Parte II, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1929
- Almeida Garrett, *Romanceiro*, Lisboa, Biblioteca Ulisseia, 1997.
- Ferreira Deusdado, *Escorços Transmontanos*, Livrarias Aillaud e Bertrand, Lisboa, 1912
- Gonçalves, V. “Teatro popular mirandês. Seguido de um inventário dos cascos representados nas Terras de Miranda”, in José Francisco Meirinhos (Coord.), *Estudos mirandeses. Balanço e orientações*, Granito Editores, Porto, 2000
- Márcia Abreu, *Histórias de cordéis e folhetos*, Mercado das Letras, São Paulo, 2006
- Mourinho, A. M., “Apontamentos sobre o Conto popular mirandês”, in *Actas do Colóquio Internacional de Etnografia*, Vol. VI, Câmara Municipal de Santo Tirso, Santo Tirso, 1963
- Mourinho, A. M., *Terra de Miranda - Coisas e factos da nossa vida e da nossa alma popular*, Câmara Municipal, Miranda do Douro, 1995
- Pinto-Correia, J. D., *Romanceiro oral da tradição portuguesa*, Edições Duarte Reis, Lisboa, 2003